

AS EXPRESSÕES NOMINAIS INDEFINIDAS E A PROGRESSÃO REFERENCIAL

Ingedore G. Villaça Koch¹

Resumo

Nesta intervenção, objetivo discutir resultados de pesquisa em desenvolvimento, com apoio do CNPq, referentes ao comportamento das expressões nominais indefinidas na progressão textual. Por meio de exemplos extraídos da mídia escrita, pretendo evidenciar o papel anafórico que podem desempenhar por essas formas na reconstrução de objetos-de-discurso e, por decorrência, na produção textual dos sentidos.

Palavras-chave: expressões nominais indefinidas; progressão textual; anáfora.

Abstract

In this work, we aim at discussing the results of a research, which has the support of CNPq, concerning the behavior of nominal undefined expressions in textual progression. Through examples drawn from written media, we intend to emphasize the anaphoric role they can perform in the reconstruction of discourse objects and, as a consequence, in the textual production of meanings.

Key words: nominal undefined expressions; textual progression; anaphora.

1. INTRODUÇÃO

Embora se trate de um ponto pouco discutido na literatura sobre referenciação por meio de formas nominais, na qual se privilegiam as expressões introduzidas por artigos definidos e por demonstrativos, verifica-se que ela pode dar-se, também, pelo uso de expressões nominais indefinidas com função anafórica (e não, como é mais característico, de introdução de novos referentes textuais).

2. USOS ANAFÓRICOS DO INDEFINIDO

Mesmo não sendo as expressões nominais introduzidas por artigo indefinido as mais comumente empregadas para a reativação de referentes já introduzidos na memória discursiva, elas podem, em certas circunstâncias, desempenhar tal função.

Vejam-se, no exemplo (1), as expressões: “um homem de camisa branca e calças pretas, um chinês num oceano de 1,1 bilhão de chineses, um desconhecido”. Esse exemplo evidencia como o protagonista vai sendo construído textualmente, primeiramente com o emprego de *descrições indefinidas*, depois de *descrições definidas* (atente-se para as expressões em itálico):

(1) “Um homem sozinho, com uma jaqueta numa das mãos e um embrulho na outra, com um ar de quem tanto podia ter saído de uma manifestação como estar a caminho do trabalho ou das compras. Um homem de camisa branca e calças pretas. Um chinês num oceano de 1,1 bilhão de chineses. Um desconhecido.

Sobre a montanha de cadáveres com a qual o regime chinês reafirmou a sua tirania na semana passada, ao reprimir com punho impiedoso os estudantes reunidos em nome da democracia na Praça da Paz Celestial, esse cidadão anônimo fixou uma imagem poderosa. (...) (“O desconhecido da camisa branca”, VEJA, 14/06/89)

Observem-se, também, as expressões indefinidas do exemplo (2):

(2) “Leio no jornal a notícia que um homem morreu de fome(...)

“Um homem morre em plena rua, entre centenas de passantes. Um homem caído na rua. Um bêbado. Um vagabundo. Um mendigo, um anormal, um tarado,

¹ Professora Doutora da Universidade de Campinas-UNICAMP

um pária, um marginal, um proscrito, um bicho, uma coisa - não é um homem. E outros homens cumprem o seu destino de passantes, que é o de passar. (...)" (Sabino, F., *A mulher do vizinho*, 8ª ed., Rio de Janeiro: Record, 1962).

Interessante é ressaltar aqui o modo como as expressões que referenciam o protagonista vão construindo – polifonicamente – esse referente, numa operação dupla de referenciação e progressão temática.

Segundo Schwarz (2000:59-60), seriam três os principais casos de uso anafórico do indefinido:

- a) quando se seleciona um referente no interior de um conjunto já mencionado (exemplo 3), ou quando se nomeiam partes de um referente previamente introduzido (exemplo 4), tendo, portanto, a expressão indefinida um valor partitivo:

(3) *Leonardo da Vinci teve filho ilegítimo . Roma - Leonardo da Vinci, o gênio renascentista que pintou a famosa Mona Lisa, teve um filho ilegítimo aos 17 anos, segundo a investigação do estudioso italiano Alessandro Vezzosi, diretor do museu dedicado ao artista. Uma das hipóteses apontadas por Vezzosi é que o filho de Leonardo se chamava Paolo e foi levado de Florença à Bolônia (sic) para que não viesse a se envolver com "más companhias", de acordo com vários documentos encontrados pelo pesquisador. Um deles é uma carta, publicada por Carlo Pedretti e conservada pelo Arquivo do Estado de Florença, que faz referência a um misterioso Paulo de Leonardo da Vinci de Florença. (OESP)*

(4) *Um grupo de crianças alegres entrou na sala. Uma garotinha loira veio na minha direção e entregou-me uma rosa.*

- b) quando, propositalmente, não se especifica melhor o referente, para criar um efeito de suspense (exemplo 5):

(5) *Assalto a Banco: os meliantes atiram no motorista de um carro forte. O caixa age com a rapidez de um raio: fazendo o dinheiro desaparecer não se sabe como, apresenta aos assaltantes duas caixas vazias. À noite, ele recebe uma visita inesperada. No dia seguinte, um cadáver é retirado de um riacho próximo. (exemplo adaptado de Schwarz, 2000:59).*

- c) quando a expressão anafórica focaliza mais fortemente a informação que veicula do que a seqüenciação da cadeia coesiva:

(6) *A velha senhora desaba sobre a cadeira da cozinha. E quando sua amiga chega, não encontra a avozinha, mas um montinho de infelicidade, uma coisinha danificada e confusa. (adaptado de Schwarz, 2000:59)*

A esses três casos, outros podem ser acrescentados. Existem, todavia, situações em que a decisão não é tão fácil assim. Tratar-se-ia realmente de referenciação, ou teríamos simples fatos de predicação? É o que acontece nos exemplos seguintes, extraído de corpus de anáforas da imprensa brasileira, coletado por R. Ilari:

(7) *A repressão policial na cracolândia, reduto de traficantes e dependentes de crack no centro de São Paulo divide opiniões. De um lado, especialistas no tratamento de dependentes condenam a estratégia do governo para expulsar os viciados da região. De outro, comerciantes locais aplaudem a iniciativa. / Para o psiquiatra Auro Lescher, coordenador do Projeto Quixote, criado pela Escola Paulista de Medicina para atender crianças e adolescentes que vivem nas ruas, a ação da polícia é apenas uma maneira "de varrer a sujeira para debaixo do tapete". / "Estão tratando uma questão social como se fosse uma questão urbanística e financeira. Enquanto adotarem medidas repressivas estarão perpetuando um grave problema", diz. (FSP "Especialistas criticam ação do governo" FSP 3/9/2000)*

Transcrevo aqui as reflexões que Ilari anota depois do exemplo: "que grave problema é anafórico, é apenas uma intuição. Aparentemente, nada muda se um for substituído por esse; por outro lado, um grave problema poderia ser retomado, em frases seguintes por 'o problema', 'esse problema', etc., mas não estará introduzindo um referente novo. Seriam esses dois motivos suficientes para que possamos falar de anáfora?"

Por outro lado, poder-se-ia pensar que a melhor paráfrase no caso seria: esta questão social que é /constitui um grave problema, ou seja, que se trata de uma predicação. A promotoria pública de Manhattan anunciou ontem o resultado do exame de DNA feito nos corpos de suas pessoas assassinadas em 1997. O laudo indica que o material orgânico encontrado nos cadáveres pertence a um brasileiro, o que o incrimina como possível autor dos homicídios. Preso há três anos na cadeia de Ricker's Island, alega inocência. / O verdadeiro nome do acusado de matar dois homossexuais norte-americanos é José Mário de Carvalho Quevedo, um gaúcho de 27 anos. (OESP, 9/9/2000)

Também aqui, em uma primeira análise, poder-se-ia considerar um gaúcho de 27 anos como anafórico de brasileiro, ou seja, como uma expressão referencial especificadora. Mas, como em (7), poder-se-ia optar por considerá-la como uma predicação: que é um gaúcho de 27 anos.

Talvez essa duplicidade de análises possíveis se deva ao fato de as expressões referenciais nominais exercerem, em grande número de casos, uma dupla função cognitivo-discursiva (cf. Koch, 2002), isto é, que ao mesmo tempo em que reativam referentes já presentes na memória discursiva, elas introduzem novas predicações a respeito deles. Passemos a examinar agora o exemplo (9):

Quando jovem, além do tango, dos cafés e das construções neoclássicas, as principais atrações de Buenos Aires eram o bronzeador Rayito de Sol, as roupas de couro e as churrascarias. / Hoje, as atrações também são as babás de cachorros, o Cemitério da Recoleta e o livro do Maradona, “Eu sou Dieguito”. / Nem na França, paraíso dos cachorros, existem babás tão especializadas como na Argentina. / É a profissão do momento. Já há cursos profissionalizantes. / Os numerosos desempregados fazem fila para arrumar um emprego.

Com sua vida cultural e divertimentos, o cemitério localizado no bairro da Recoleta, é um dos pontos turísticos da cidade. / Dizem que é o mais bonito do mundo. Estão lá corpos de pessoas ricas e famosas, como o da Evita Perón. Ao lado dele, se divertem turistas e argentinos endinheirados. Qualquer dia, um Mc Donald’s será construído dentro do cemitério.

Alguns jornalistas argentinos criticaram, com razão, a incoerência do Maradona. O craque falou mal da Fifa e do Pelé, depois foi lá receber o prêmio. // (Tostão, “Futebol, tango e Maradona”, FSP, 7/1/2001).

É fora de dúvida que um emprego refere-se a babás de cachorro. Trata-se, então, de uma forma referencial anafórica? Gostaria de voltar a alguns dos exemplos apresentados. Em (1) e (2), por exemplo, seria também possível postular uma análise em termos de predicação. Isto é, poderíamos sugerir as seguintes paráfrases:

(1’) *Avistei um homem sozinho (...). Era um homem de camisa branca e calças pretas. Era um chinês num oceano de 1,1 bilhão de chineses. Era um desconhecido.*

(2’) *Um homem morre em plena rua, entre centenas de passantes. Um homem está caído na rua (?). É um bêbado. É um vagabundo. É um mendigo, um anormal, um tarado, um pária, um marginal, um proscrito, um bicho, uma coisa – não é um homem (...).*

Não me parece, contudo, que seja essa a melhor solução. Em primeiro lugar, porque, ao optar pelo uso de frases nominais, o enunciador não quis apenas atribuir predicações, mas sim construir seus objetos-de-discurso por meio de descritores lexicais nominais – o que é, inclusive, retoricamente muito mais ágil e mais forte. São ‘flashes’ que nos permitem compor na memória os objetos descritos.

Em segundo lugar, no que tange ao exemplo (2), cada um desses descritores nominais pode ser atribuído a uma voz diferente; ou seja, cada um dos passantes emite (ou poderia emitir) um julgamento a respeito do homem caído na rua, sem nem ao menos procurar saber o que realmente aconteceu.

Quanto à expressão nominal indefinida da última linha do exemplo (3), não se trata de um emprego muito raro em enunciados desse tipo (a um tal de..., a um famoso..., etc.). Como já havia sido levantada a hipótese de que o filho de Leonardo da Vinci se chamava Paolo, parece

não haver dúvida de que a expressão a um misterioso Paolo de Leonardo da Vinci de Florença é uma expressão referencial anafórica.

Em (7), *uma questão social* é recategorizada como *um grave problema*, trazendo, assim, uma nova predicação a respeito do referente: a questão social a que o enunciador se refere é vista como um grave problema. Tem-se, como dissemos, de uma tematização remática, no dizer de Schwarz (2000). Concordo, plenamente, que se poderia usar a expressão demonstrativa - *esse grave problema*; esse é justamente um dos casos preferenciais de uso do demonstrativo. A opção pelo indefinido deve, pois, ter uma razão de ser: talvez o enunciador tenha preferido a expressão indefinida para enfatizar a **sua** avaliação de que a forma como a questão social está sendo tratada pelas autoridades constitui um grave problema que poderá se perpetuar. O emprego de **esse grave problema** parece pressupor que os co-enunciadores já partilhavam a idéia de que o problema existia.

Em (8), o que determina o uso do indefinido é, a meu ver, o fato de tratar-se de uma particularização relativa ao objeto-de-discurso tal como fora introduzido na memória discursiva: o brasileiro de que se falava é um gaúcho de 27 anos. Tem-se, neste caso, uma *anáfora especificadora* (cf. Apothéloz & Reichler-Béguelin, 1995), que ocorre nos contextos em que se faz necessário um refinamento da categorização anteriormente apresentada. Esse tipo de anáfora permite trazer de forma compacta informações novas a respeito do objeto-de-discurso. E esta é justamente uma das motivações para o uso do indefinido: quando se pretende introduzir novas informações a respeito do referente, que não haviam sido mencionadas quando da introdução do objeto-de-discurso (cf. Koch, 2002), como se pode verificar também em (10):

(10) *O cruel assassino acabava de encontrar sua próxima vítima. No dia seguinte, pescadores descobriram um corpo de mulher boiando na enseada.*

Também as anáforas caracterizadoras, bem como as definitórias descritas por Apothéloz e Reichler-Béguelin (1995) podem apresentar-se sob a forma de uma expressão indefinida com função de aposto:

(11) *Não só em São Paulo, o PT está negociando com várias bases peemedebistas e tem boas possibilidades de êxito. Mas o afã de conquistar apoios não precisa nem justifica que a negociação política distribua avais morais, como fez Lula a Orestes Quêrcia, um dos políticos mais eticamente contestados, inclusive por Lula mesmo (Jânio de Freitas, O jogo duro, FSP, 2/06/02)*

Novamente, seria razoável postular que se trata de predicações, introduzidas por meio de uma oração relativa que foi submetida a uma redução. Pode-se objetar, contudo, que seria mais simples e econômico considerar que,

no caso desse tipo de aposto, ocorre uma justaposição de SNs do que postular uma estrutura complexa submetida a uma redução. Além disso, parece não haver dúvidas quanto à função anafórica da expressão indefinida em exemplos como esse.

As razões aqui expostas levam-me a postular, como uma importante função das expressões indefinidas, até agora bastante negligenciada, a de contribuir para a progressão textual, por meio da (re)construção de objetos-de-discurso.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

Apothéloz, D.; Reichler-Béguelin, M.J. Alternatives lexicales dans l'emploi des expressions démonstratives. *Pratiques*, 85, p.53-87, 1995.

Koch, I.G.V. *Desvendando os segredos do texto*. São Paulo: Cortez, 2002.

Schwarz, M. *Indirekte Anaphern in Texten*. Tübingen: Niemeyer, 2000.